

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração

R. de S. Martinho

AVEIRO

Officina de impressão

R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem de Mello



Numero 244

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 6000. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 6500 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

PERIGOS

Graves perigos tem ameaçado, graves perigos ameaçam Portugal.

Não falta já, d'entre os conservadores, d'entre os homens que apoiam a monarchia, quem o declare abertamente. Não falta tambem quem o desminta. Mas são inuteis os desmentidos. Os desmentidos podem enganar papalvos ou gente que se queira enganar a força. Não enganam os atilados e os prudentes.

A Hespanha, em circunstancias normaes, não tentaria conquistar-nos. Seria um erro, além de ser difficil, além de ser perigoso. Mas a monarchia em Hespanha está seriamente ameaçada. Mas todas as nações, que tem representantes em Lisboa, sabem que Portugal está indefeso. Eis o perigo! O grande perigo!

E' falso que a Hespanha tentasse, ha' dias, um movimento aggressivo contra nós? Talvez. Não nos custa nada acredita-lo. Mas que importa? Pode tenta-lo amanhã. E' possível. E' provavel. Não nos deixemos arrastar na confiança cega dos imbecis!

A Hespanha, com uma politica forte, com um governo subordinado aos grandes interesses nacionaes, tentaria todas as aproximações com Portugal, mas nunca apoderar-se de nós á viva força. Era um grande, um formidavel elemento de perturbação, que a Hespanha mettia em casa para juntar a outros que lá tem. A Hespanha é pequena, e nós grandes de mais, para tamanha empreza.

Mas a Hespanha não tem uma politica forte, elevada, patriótica. Não tem um governo que se inspire nos interesses da nação. Lá, como cá, tudo é subordinado á defeza do regimen. E o regimen em Hespanha sente-se tão ameaçado que se ha de abalançar a tudo para se manter. Vejamos as coisas por este aspecto, que as vemos bem!

Se Portugal tivesse uma organização militar conveniente, se estivesse sólidamente preparado para a defeza, poderia resistir, com certa confiança. Mas nós estamos **COMPLETAMENTE DESARMADOS**. E, assim, o perigo é enorme.

Temos a Inglaterra, dir-se-ha. Sem duvida. Temos a Inglaterra, e enquanto a Inglaterra estiver desembaraçada é claro que a Hespanha não se metterá em aventuras. Mas não pôde a Inglaterra vêr-se embaraçada de um instante para o outro? Não era para essa hypothese que a Hespanha se preparava e que, por ventura, se prepara?

Nós estamos **COMPLETAMENTE**

MENTE DESARMADOS. Publicámos aqui varios artigos, demonstrando o estado de grande inferioridade em que o exercito se mantem e se ha de manter. Mas não dissémos tudo. Nem o podemos dizer. Dissémos as coisas geraes, aquillo que todo o mundo pôde dizer, e isso mesmo causou impressão. Não dissémos as coisas especiaes, as coisas graves, aquillo que constitue segredo profissional.

Qualquer jornalista pôde conhecer o estado geral do exercito, até detalhes, minucias de vida do quartel. Basta que conviva com militares inteligentes. Isso diz-se, conta-se, refere-se sem comprometimento para ninguém. Mas ha coisas gravissimas que são desconhecidas da grande maioria dos proprios militares. Coisas que só sabem alguns, e muito poucos. Coisas que envolvem grande responsabilidade para quem as diz, e que, por isso mesmo, um amigo só diz ao ouvido de outro amigo. Como publica-las, sem atraiçoar a confidencia?

E' impossivel, e ninguém, mais do que nós, lamenta essa impossibilidade. Porque nós entendemos que o paiz deve saber tudo. Sim, deve saber tudo. Abaixo esse sophisma grosseiro de que periga a patria com as revelações. A patria periga, mas é com o silencio, que só aproveita aos infames especuladores. Se ha traição saiba-se onde ella está, saiba-se de onde partiu, saiba-se em que consiste, saiba-se quem são os traidores. Revelada ella, talvez seja tempo de lhe atalhar as consequências, talvez seja possível evitar que os traidores commettam traição sobre traição. De contrario, tudo está perdido, definitivamente. Os traidores levarão a infamia até ao fim.

Lamentamos, pois, por nosso lado, a impossibilidade absoluta de fazer certas revelações. Não podemos desvendar segredos que obtivemos sob promessa de os conservar, e cuja revelação poderia importar a desgraça de aquelles que, sob nossa palavra, no-los confiaram. Mas podemos, mas devemos, afirmar resolutamente que o regimen nos levou a esta situação de desgraçadissima: estamos **COMPLETAMENTE DESARMADOS**.

E dizemos **completamente** porque, para ser verdadeira a afirmação, basta que o seja em relação a uma só das armas de combate.

A situação é pavorosa. Nunca este adjectivo foi mais apropriado. A situação é pavorosa. E tem-se gasto em cada anno milhares de contos á sombra, e a pretexto, da defeza do paiz!

Apregoou-se que a monarchia

tinha engrandecido e fortalecido o exercito. Apregoou-se que a monarchia era a garantia da independencia. Os proprios monarchicos, alguns d'elles dos mais illustres, como o sr. Xavier Machado, que nos veem dizer que o exercito não existe. São os monarchicos, como os do *Diario de Noticias*, como os do *Seculo*, como tantos outros, que lancam em circulação e boato aferrador de que está em perigo a independencia da nação.

O que nos resta? Restam-nos a Inglaterra? Pois alguem duvida que a republica não compraria, se quizesse, o auxilio da Inglaterra pelo mesmo preço porque o compra a monarchia? Qual é o farçante capaz de afirmar que a Inglaterra só é aliada de Portugal pelos lindos olhos de sua magestade el-rei D. Carlos?

Os acontecimentos, que se estão dando, tem a grandissima virtude de demonstrar, cabalmente, aos mais indifferentes e aos mais ingenhos, quanto havia de illusorio na afirmação gratuita de que a monarchia era a *única garantia* da independencia da nação. Note-se que não estamos fazendo politica de fação. Falamos com a independencia do costume e com o amor da verdade que sempre demonstrámos. Não nos cega, nunca nos cegou, a paixão dos republicanos.

Com essa independencia, com esse amor da verdade de que temos dado tantas provas, leal e sinceramente perguntamos: o que faria a republica, peor do que tem feito a monarchia?

Voltaria contra nós, as ambições da Hespanha?

Deixar-nos-hia sem exercito? E' essa, precisamente, a obra da monarchia!

Ficamos á mercê exclusiva da Inglaterra. Ora o auxilio da Inglaterra—ninguem o duvida, ninguém, sinceramente, o pôde duvidar—comprava-o a republica, se quizesse, pelo mesmo preço porque o comprou a monarchia.

Na peor das hypotheses a republica não seria, em caso nenhum, inferior á monarchia.

Esta é a verdade. Esta é a moral que se tira dos acontecimentos.

O ultimo argumento adduzido pelos monarchicos a favor da monarchia era de que ella se tornara a *única garantia* da integridade e da independencia do paiz. Era o ultimo. Afinal, ei-los a dizer-nos: «A Hespanha combinou-se com a Alemanha para nos roubarem. A Alemanha leva-nos as colonias ou parte das colonias. A Hespanha leva-nos, pelo menos, o continente. A Inglaterra, embaraçada no extremo oriente, talvez ao mesmo tempo

na Africa e na Europa, não poderá vir em nosso auxilio. Nós não temos exercito de terra, não temos exercito de mar, não temos dinheiro, não temos nada. A patria está em perigo! A patria vaee morrer!»

São elles que o dizem, não são os republicanos. São elles que levantam o grito de alarme. São elles que espalham o terror. E eram elles que proclamavam que a monarchia era a *única garantia* da independencia do paiz!

Ah! esta mentira, esta mentira dos regimens divorciados da consciencia publica!

TRANSCRIÇÕES

O nosso collega *O Debate* transcreveu os nossos artigos sobre o exercito e tem continuado a transcrever as nossas *Cartas d'Algures*.

O nosso collega *O Norte* tambem continua transcrevendo trechos dos mesmos artigos sobre o exercito. E o nosso collega *A Resistencia* transcrevia parte do ultimo d'esses artigos.

Agradecemos aos collegas a distincção que nos concedem.

MATERIAL DE ARTILHERIA

Levantam-se questões na imprensa sobre a acquisição do novo material de artilheria.

Diabo! Diabo! Questões d'essas, n'um paiz d'este, fazem desconfiar.

Patriotismo? Não pôde ser.

Não, não. Não pôde ser. Todos nós conhecemos o patriotismo dos homens que nos mandam.

Por patriotismo não se levantara a questão de saber, com tanto furor, se é melhor ou peor a artilheria Canet ou a artilheria Krupp, sendo certo que ambos os fabricantes são de primeira ordem.

Por patriotismo levantar-se-hiam muitas outras questões, bem mais graves, mesmo em relação ao armamento ou ao *municamento* da artilheria, que tem permanecido e permanecem no mais absoluto silencio.

Os patriotas! Os famigerados patriotas!

Mas se não é por patriotismo, que diabo de furor é esse em inapugnar com tanta exaltação a escolha da artilheria Canet?

Ninguém nos saberá dizer nada a esse respeito?

Que diabo! A artilheria Krupp será melhor. Mas não fica a patria perdida por adoptarmos a artilheria Canet. A patria ficaria perdida se nós não tivéssemos artilheria nenhuma, se nós não tivéssemos *municamento* nenhum, e se n'esse instante uma nação estrangeira declarasse guerra a Portugal. Mas esta hypothese nunca serviu aos patriotas. Nunca! Nunca! Sobre isso tem guardado os patriotas o silencio dos anjos.

Oh! Os patriotas! Os patriotas! Nós que os conhecemos a todos...

A artilheria Krupp será melhor que a artilheria Canet. Não é. Mas supponhamos. Que differença ha? A inferioridade da artilheria Canet é tão notavel que uma nação armada com ella se considere perdida? Ora cebo!

Quem diz que a artilheria Krupp é superior á artilheria Canet?

Nomeou-se uma commissão, composta de officiaes reputados dos mais sérios e dos mais intelligentes. Toda a commissão, melhos o presidente, se pronunciou a favor da artilheria Canet.

Então?! Só se o presidente é infallivel, como o papa!

Como é que sua excellencia manifesta tanta relucencia a acatar o parecer da maioria da commissão, a que preside?

Que desdem é esse?

Com que direito consideram os patriotas a maioria da commissão um valor nullo?

Os patriotas, que tem deixado chegar, sem um protesto, o exercito portuguez ao miseravel estado em que se encontra! Que são mesmo auctores ou cúmplices n'esse crime de lesa-patria!

Como é que só agora, a propósito d'um caso meramente secundario, o de ser esta ou aquella casa, sendo a escolha entre casas de primeira ordem, a fornecedora da nossa artilheria, surgem os seus *forôres* e as suas *furiosas indignações*?

Aqui ha mysterio!

Oh! se ha...

Não sabemos qual seja.

Mas que ha mysterio, ha.

Prorrogação do prazo de pesca

O sr. dr. Manuel Homem de Mello conseguiu prorogar por mais algum tempo o prazo da apanha de pesca na nossa ria.

Exultam com isso os pescadores da nossa Beira-mar, porque viam em breve faltar-lhes o meio de seu ganha-pão quotidiano.

Cartas d'Algures

8 DE ABRIL.

O *Debate*, respondendo a um seu assignante, dizia ha dias que apostava que nenhum dos numerosos militares, que tem assento na camara dos deputados, e dos pares, seria capaz de chamar, com interesse, a attenção do sr. ministro da guerra para o ensino litterario por companhias, no exercito.

Ganhou O *Debate*. Nem militar, nem paizano. A todas as excellencias é inteiramente indifferente que se trate, ou não trate, de elevar o nivel intellectual do soldado, portanto do povo, portanto do paiz.

Patriotas! Liberações!

A camara dos communs, na Inglaterra, gastou **cincoenta e nove sessões** a discutir a nova lei escolar, que tendo começado a ser posta em execução no dia 1 d'abril de 1903, só se tornará obrigatoria e extensiva a todo o paiz—excluindo a Irlanda, a Escocia e a cidade de Londres—a partir do dia 1 de outubro de 1904.

Depois do famoso *Home Rule Bill*, de Gladstone, não houve questão mais discutida em todo o paiz e que mais apaixonasse a opinião publica.

Em Portugal os illustres proceres entendem que o povo instruido pôde ser um grande perigo para elles. E' então já não se limitam bem a ser indifferentes deante da

grave questão da instrução. Não. Não é bem isso. Não são indifferentes. São hostis.

O Povo de Aveiro dizia ha dias, n'um artigo de fundo, falando do exercito, que a alliança ingleza não era uma alliança nacional, mas uma alliança do regimen. Assim é. Se fosse uma alliança da nação, os governos, procurando tirar d'ella todas as vantagens sob o ponto de vista internacional, procurariam, ao mesmo tempo, copiar da Inglaterra, da fiel alliançada, todos os processos que a nobilitam e engrandecem na politica interna, imita-la em todos os factores de progresso e civilisação. Pois fazem exactamente o contrario. Quando mais se apertaram os laços de amizade e alliança — vá lá o palavrão do estylo — entre Portugal e Inglaterra, foi quando mais augmentou o despotismo entre nós.

Imitámos, copiamos, transplantámos o espirito liberal da Inglaterra?

- O seu amor ao trabalho?
- O seu civismo?
- O seu amor á instrucção?
- Não.

Abençoada alliança ingleza se ella tivesse ao menos esse effeito! Mas não. Nem esse, nem outro de vantagens nacionaes.

Não, não. A alliança ingleza — disse-o o Povo de Aveiro no artigo referido — serviu, e serve, para garantir a vida de regabofe, que as oligarchias odiosas veem gosando ha muito tempo. E servirá — julgam elles, mas talvez se enganem, que na Inglaterra o soberano é o povo, não é o rei — e servirá para impôr o regimen na hora da liquidação final.

Julgam elles. Mas, repetimos, talvez se enganem! Nem a Inglaterra impedirá, em ultimo extremo, a intervenção estrangeira, nem a Inglaterra, ainda n'esses extremos, impedirá a nossa. E' conforme as circumstancias. E as circumstancias, nos tempos melindrosos que vamos atravessando, geralmente impõem o acatamento dos factos consummados. Principalmente com um bocadinho de habilidade em quem os consummamos.

Não imitámos da Inglaterra o seu espirito liberal, o seu amor ao trabalho, o seu civismo, o seu amor á instrucção, como não imitámos de paiz nenhum o que n'elles ha de progressivo, de livre, de civilizador. Macaqueámos. Copiamos sem criterio e sem elevação.

Assim, da Alemanha transplantámos para o exercito portuguez o principio de instrucção por companhias. Mas amputamo-lo logo, tirando-lhe o ensino das primeiras letras. Mas arrancámos-lhe aquillo que na Alemanha constitue a sua grande força e lhe dá as suas extraordinarias vantagens, que é a independencia, que é a autonomia do capitão.

Foi esta a grande reforma do exercito allemão, introduzida em 1850 contra a má vontade e a opposição dos rotineiros, reforma de que sahio todo o esplendor d'aquelle exercito. Os que tanto se extasiavam deante da acção directa do imperador sobre o exercito allemão, os que tanto a defendem, os que a generalisam, contra o espirito e a letra da constituição adoptada n'outros povos, a exercitos differentes, que fiquem sabendo, que não se esqueçam, se o sabem já, que o imperador não emprega a sua acção em sentido oppressivo e mesquinho, mas no sentido da mais ampla latitude e da mais completa descentralisação.

Até 1850, os coroneis e os maiores entenderam, no exercito prussiano, como entendem hoje no exercito portuguez, que só elles tinham talento e experiencia para se occupar de tudo e para dirigir tudo, ainda nos mais infimos detalhes. Sob esse espirito mesquinho e estreito morria toda a iniciativa, abafava todo o estimulo, extinguiam-se toda a actividade. Quem hasteou o pendão da revolta? Quem se poz á frente do partido puramente militar, constituído em grande maioria pelos capitães e denominado *juven prussiano*? Foi o principe real, o

que mais tarde seria rei da Prussia, e, mais tarde ainda, imperador da Alemanha.

Logo que Guilherme I tomou conta do poder, ainda na qualidade de regente, o seu primeiro cuidado foi entregar os commandos e empregos superiores do exercito aos generaes que elle conhecia como favoraveis ás doutrinas da nova escola, e exerceu toda a sua vigilancia e zelo no sentido de fazer manter o capitão na posse integral dos seus poderes como commandante de companhia.

E' assim que o imperador da Alemanha dirige o exercito allemão.

São muito curiosos, a esse respeito, as impressões pessoas do general Bonnal e do barão de Kaulbars, recebidas e recolhidas quando os dois officiaes, um francez e outro russo, percorriam o exercito allemão em missão de estudo. Tanto um como o outro se extasiavam perante o largo espirito de autonomia e descentralisação, que viram affirmado e mantido em toda a parte.

O commandante da companhia tem a plena e inteira responsabilidade da instrucção dos seus soldados e organisa-a e dirige-a **absolutamente como elle entende**. A sua iniciativa, di-lo o barão de Kaulbars e confirma-o o general Bonnal, não tem outros limites senão o de apresentar a sua companhia instruída n'um certo e determinado praso, que lhe é fixado antecipadamente. Nem o proprio major — palavras textuaes — **tem o direito de se intrometer na instrucção das companhias do seu batalhão**. Póde assignalar aos capitães esta ou aquella omissão, esta ou aquella irregularidade. **Mas é-lhe expressamente prohibido ordenar-lhes que procedam d'este modo em vez de proceder d'aquelle**. Quando lhe chegar a vez de instruir o batalhão, elle o instruirá então, e tambem como unico responsavel, da maneira que julgar conveniente.

A mesma iniciativa tem todo o official, tem todo o graduado, em qualquer ramo de serviço.

«Todos os officiaes prussianos, do alferes ao general, diz Kaulbars, escreve Bonnal, são unanimes n'este ponto, considerando o maximo da iniciativa individual em todos os graus da hierarchia militar como a **unica e indispensavel** condição de successo, não só no que diz respeito á instrucção das tropas mas em tudo o que toca ás coisas militares.»

A **unica e indispensavel** condição de successo!

Ora em Portugal o capitão não dá um passo sem que lhe seja superiormente marcado. Instrue os recrutas segundo um programma em que a instrucção é regulada com todas as minucias, com os mais miseraveis e mesquinhos detalhes. Não commanda a sua companhia n'um exercicio senão á vista do major, o qual intervem a todo o instante — embora o regulamento n'esse ponto o não permita — para corrigir e emendar manobras, para reprehender um soldado ou um corneta que não está com a *atenção devida*. O regulamento não o permite. Mas é um abuso que já se converteu em uso. Tornou-se a regra geral em todo o exercito.

O capitão não é só mandado em tudo e por tudo. Não é só fiscalizado. E' vigiado como um mandrião, como um cabula, como um relaxado, como um menino d'escola. E o que se faz com o capitão faz-se com todos os graus da hierarchia militar.

A consequencia é facil de prevêr. Ninguem faz nada. Ao capitão vexam-n'o. Mas elle vingam-se deixando *correr o marfim*.

E' o minimo da iniciativa com o minimo da responsabilidade.

Eis como copiamos, eis como copiamos a Alemanha!

Não copiamos. Macaqueámos. Estamos peor do que estava a Prussia antes de 1850. Levamos mais de 60 annos de atraso!

Mas só agora reparo que não disse uma palavra, afinal, sobre o

ensino litterario por companhias no exercito.

E' o mesmo. Já ficámos com assumpto para a carta que se segue.

No proximo numero falaremos sobre isso.

A. B.

BOMBEIROS

Recebemos uma circular do *Jornal do Bombeiro* convidando todas as corporações da classe a reunirem em congresso para se constituirem em federação.

As corporações de bombeiros que quizerem dar a sua adhesão para esse movimento, que se nos afigura de utilidade, poden dirigir-se ao sr. Julio Silva, redactor d'aquelle jornal.

Companhia Lisboense

Continúa a agradar a «Companhia Lisboense», tendo tido encontros mais que regulares.

Na segunda-feira subiu á scena *O Testamento Azul*.

Foram muito applaudidos os principaes interpretes da peça e visados alguns numeros de musica.

Na quinta-feira representou-se *O Anjo da Meia Noite*, operetta phantastica em 3 actos e 9 quadros, que teve egual successo ao espectáculo de segunda-feira.

Hontem representou-se «A Mlle Nitouche».

Aquellas santas senhoras!

O nosso prezado collega portuense *O Norte* publicou, em artigo editorial, de terça-feira ultima, encimado com a epigraphie que nos serve de titulo, o artigo que em seguida reproduzimos.

Leiam, leiam, que vale a pena:

Uma senhora de Villa Nova de Gaya, apesar de todos os pedidos da familia e de algumas influencias extranhas chamadas a intervir n'um intuito de dissuasão, fugiu para Lisboa, a internar-se n'uma casa de irmãs de caridade.

O decreto-traição do sr. Hintze Ribeiro, ministro d'um rei que se diz «liberal por convicção, por educação e por indole», não cessa de produzir os seus fructos. As sergaitas do convento, passivos instrumentos da quadrilha macha de Santo Ignacio, vão lançando a rede e apanhando ingenuas meninas de educação devota, e velhas beatas tontas. Algumas meninas pertencem a familias liberaes... Mas n'esse caso ellas accusam com o seu proceder o que se poderá chamar um desequilibrio de educação. Na sua defecção, ou representam o triumpho das mães, e então indicam que os esposos não souberam fazer escolha de uma companheira á altura do seu espirito emancipado; ou accusam o culposo abandono em que os paes as deixaram ante todas as obsessões e manhas do devocionismo.

Mas, no fim de contas, o que tem de grande e veneravel as irmãs de caridade para assim captarem elementos novos?

Das irmãs de caridade portuguezas fallaremos, logo que tenhamos colligido para isso dados sufficientes. Em todo o caso, pois que a sua regra é em toda a parte a mesma e a sua disciplina tambem, recorramos á chronica dos tribunaes francezes dos ultimos mezes — visto como as santas esposas de Christo dão o melhor dos contingentes para a secção das occorrencias criminaes.

No Orphelinato de S. Vicente de Paulo, em Lods, proximo a Lille, os castigos mais communs applicados ás infelizes educandas por aquellas piedosas megeras, consiste em as despir e despejar-lhes em cima baldes d'agua fria; feita esta operação, as *delinquentes* são embrulladas em pannos encharcados de agua, e assim obrigadas a assistir á missa! Outras vezes, as pequenas são mettidas no estabulo dos porcos, atiradas para a immundicie, e alli as deixam ficar fechadas horas

e horas, sem lhes darem alimentação alguma.

Caridosas scleradas!

No Orphelinato de Bonneville na Alta-Saboya, á crueldade no tracto, junta-se a mais repugnante hypocrisia. Pallidas e enfezadas pela deficiencia da alimentação, pela falta de hygiene, pelo excesso de trabalho e de devoções, as creanças são obrigadas, quando a campainha do hospicio annuncia qualquer visita, a esfregar violentamente o rosto com as mãos, a fim de lhe darem, um colorido do momento, certa apparencia de saude! Se qualquer se descuida na execução d'este dever, ás educandas mais proximas incumbem substituir-se-lhe... esbofetando a. E ai da que chorar!

As creanças, intimadas por aquellas santas torcionarias, só á custa de muito habeis interrogatorios deixam escapar confissões comprometteedoras para os creditos da ordem...

Em consequencia de taes processos de «amorosa educação», a tuberculose abre caminho nas fileiras d'aquella triste infancia, e a mortalidade nos hospicios é horrorosamente significativa.

Em 1902, só no «Bom-Pastor» de Nancy, morreram onze creanças n'uma mesma classe! No mosteiro de Tours, a percentagem de tuberculose sobre a totalidade das que morrem é de 77 por cento.

Os relatorios medicos dão aos hospicios a *hora* de 64 por cento sobre a mortalidade infantil, entrando ahi os casos de tuberculose na pavorosa proporção de 57 por cento.

E osam aquellas fêras exigir para as suas inquisições hospitalares o direito de viver!

N'um processo que ultimamente deu brado nos tribunaes francezes, depôz assim uma das educandas do Refugio de Tours, dirigido pelas religiosas de Nossa Senhora da Caridade:

«Fiz a minha primeira communhão aos 17 annos, e, por mortificação, obrigaram-me a prostrar-me de braços no lagedo da capella, com os braços em cruz, por todo o tempo da Paixão que dura hora e meia. Seguidamente, com as mãos atraz das costas, de pés descalços, trazendo uma saia muito curta logo em cima da camisa, e com uma corôa de espinhos na cabeça, em pleno inverno, fui obrigada a fazer o caminho da cruz, tudo por mortificação em honra do «bom Deus». Sofri egualmente por mortificação beijar os pés de todas as minhas companheiras, comprehendendo as raparigas encarregadas da vaccaria, cujos tamancos estavam impregnados de esterco. Entre as minhas companheiras havia uma chamada Felicidade que tinha feridas purulentas nas pernas.»

Imagine se toda esta immundicie imposta ás creanças, e contagiando-as das molestias mais perigosas, por mulheres infames que se dizem discipulas do adoravel Vicente de-Paulo, e em nome d'aquelle divino Jesus que dizia, afagando as creanças do seu tempo, que mal iria áquelle que escandalizasse aquellas ou quaesquer das que se lhe assemellam!

Um dos castigos mais em moda no tal Refugio consiste em obrigar as creanças a dormir em camas onde recentemente tenha morrido alguém.

A superiora actual negou que o facto se tivesse dado no tempo da sua administração. Mas na presença do commissario central, ante as provas testemunhaes accumuladas, viu-se forçada a reconhecer que isso se dera algumas vezes na administração da sua antecessora!

Vejam os que resulta dos depoimentos:

Por se ter rido na capella, uma educanda foi fechada no refeitório, despida, forçada a pôr-se de joelhos, e apanhou assim quatro fustigadellas com umas disciplinas de corda cheias de nós, e fechada por dois mezes n'uma cellula.

Outra, não se diz porquê, foi mettida durante oito dias na casa dos mortos, onde lhe davam por dia uma celha de agua e um bocado de pão.

Outra dormia uma noite inteira n'um enxergão onde, duas horas antes, estivera estendido o cadaver d'uma religiosa que, antes de morrer, evacuará fortemente na cama!

Outra depõe assim:

«Acabava de morrer uma rapariga na nossa classe: o seu nome de convento era Henriqueta Joanna. Foi transportada á noite para a rouparia, «que era o logar de deposito dos mortos.» No momento em que a levavam para lá, corri á janella em camisa, pois já estávamos deitadas, para assim a vêr passar. Por isso fui castigada recebendo duches de agua fria e obrigaram-me a ir dormir para a cama, no enxergão em que aquella rapariga fôra collocada na noite precedente.»

Outra foi obrigada a dormir na enxerga da irmã Margarida, que morreu de «queixa de peito», e aterrada por lhe dizerem que a alma da morta viria alli ter com ella, a pedir-lhe missas e orações para arrancar do purgatorio, para onde fôra... *por ter sido boa de mais para com as meninas!*

Na sentença condemnatoria d'estas scleradas lê se este elucidativo considerando:

«Attendendo a que a irmã Maria Santa Rosa do Coração de Jesus obrigou a deitar-se Bertha Dièrre n'um calaboiço humido; que fez deitar uma noite Gabriella Mathurin n'uma cova e lhe metten a cabeça dentro d'um balde d'agua...»

Etc., etc.
Piedosas irmãs de caridade, estas santissimas fêras!

Fêras santissimas que precisamos jaula, acrescentamos nós...

O TEMPO

Formosissimo a mais não poder ser. Com a sahida do importuno e rabugento inverno coincidio a entrada triumphante da primavera para nos compensar dos maus bocados que aquelle nos tinha feito passar.

Ah, santa primavera que já te ias demorando.

A nossa carteira

A passar as festas da semana santa esteve em Agueda o sr. dr. Manuel Homem de Mello, prestimoso deputado por o circulo de Aveiro.

Encontra-se felizmente melhor dos seus incommodos, aguardando ainda assim o leite, a esposa do nosso amigo sr. João Ferreira Felix.

Esteve esta semana em Aveiro, a negocios da sua casa, o nosso amigo Soares, socio do importante estabelecimento commercial portuense, Antonio da Fonseca Moura & Ferreira, successores.

Tem passado incommodado de saude o sr. Manuel Gonçalves Netto, habil algebrista d'esta cidade.

Fizeram annos os srs.: Dr. Ildefonso Marques Mano, conceituado professor do nosso lyceu e Mario Duarte, digno chefe dos impostos em Lisboa.

Continua incommodada de saude, a sr.^a viscondessa de Carnaxide.

Estiveram n'esta cidade os srs.: Antonio Simões Ferreira de Lima e Manuel dos Santos Patto.

Regressou no dia 5 do Porto com sua esposa, o sr. José Cupertino Ribeiro Junior, de Lisboa.

Tambem esteve no Porto o sr. dr. Antão Fernandes de Carvalho, distincto caudico da Régua.

Vimos n'esta cidade o sr. dr. João Sereno, dig.^{mo} juiz da commarca de Albergaria.

Regressou a Aveiro o revd.^o padre José Marques de Castilho, esclarecido director da Escola Districtal.

Foi nomeado medico do ultramar, o sr. dr. Manuel de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça.

Séstas

Principiam amarahã as séstas dos nossos operarios.

SCIENCIAS E LETTRAS

MADRUGADA

Parou a ventania.
As estrellas dormentes, fatigadas,
Cerram á luz do dia
As mysteriosas palpebras doiradas.
Vae despontando o rosicler da aurora;
O azul sereno e vasto
Empallidece e cõra,
Como se Deus lhe dêsse
Um grande beijo huminoso e casto.
A estrella da manhã
Na altura respandece,
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vae pelo azul um cantico vibrando
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrella no céu que está cantando

GUERRA JUNQUEIRO

Canudo em tudo

Canudo em si e canudo na aquisição. E' nem mais nem menos o que acontece com o mercado do Cõjo, que, por mal dos nossos peccados, ali está a pedir reforma completa.

Em dias de pouco movimento, mesmo em qualquer dia da semana, quem alli fór a qualquer transacção, ou por simples passeio, tem que levar as algibeiras bem apertadas e um forte bengalão para arredar do caminho um milhão de pessoas que o ameaça esmagar.

Os roubos alli succedem-se de momento para momento, porque é tão facil n'aquelle apertado recincho metterem as mãos nas algibeiras dos individuos como em rua pedregada dar uma topada n'um calhau. Ainda no domingo se deram mais de 15 roubos que, embora de pequena importancia, não deixam no entanto de fazer falta á mulher do operario que alli vae fazer as suas magras compras.

E isto quando nem sequer se pôde dizer que a concorrência de vendedores á praça teve começo.

E já que por mal de nossos peccados o canudo não tem facil remedio nem immediato, ao menos que a policia se lembre de policiar melhor aquelle local, especialmente aos domingos e dias sanctificados.

Para canudo basta aquelle canudo.

Bazar do Recreio Artístico

Recebeu-se mais da sr.ª D. Theza de Jesus Bessa, uma campanha toilet e do ex.º sr. José de Azevedo Leite, do Porto, o livro «A dama das camelias», em edição de luxo, que aquelle cavalheiro ofertou para a bibliotheca da Sociedade.

A direcção do Recreio Artístico julga ter agradecido a todos os cavalheiros e senhoras que prestaram o seu concurso para o bom exito do bazar, mas caso, por omissão involuntaria, o seu agradecimento não chegasse á mão de todos, pede por este meio desculpa d'essa falta, agradecendo-lhe penhoradamente a sua valiosissima coadjuvação.

Aos srs. Izaias Monteiro Telles Abrunhosa, José Joaquim da Silva Padua e Antonio Coelho da Silva, agradecemos tambem o seu concurso para o embelesamento das salas da mesma sociedade por occasião das festas de 19 de março.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje no jardim, é o seguinte:

Ordinario. «L'Arlesienne», opera (Biset) «Les Heurs». Valsas (Waldtemfel) «Fédora». Selection da opera (Giordani). «A Noite e Dia». Phantasia da opera comica (Lecocq) «Ave Maria» (Gounod) «La Campanilla». Polka (Jauche).

O analphabetismo

EXERCITO

Lê-se n'uma carta de Coimbra para o Mundo:

«Lendo em alguns jornaes locais referencias ao ensino do methodo João de Deus, no quartel de Infantaria 23, para alli nos dirigimos ao lusco-fusco, de visu, nos certificamos de que assim era.

N'uma caserna longa e estreita, entrámos acompanhados por um official que amavelmente se promptificou a servir-nos de cicerone, e assim tivemos occasião de vêr o progresso das companhias que recebem essa instrucção.

Mais de vinte soldados debruçados sobre uma comprida meza iam escrevendo o dictado que era lido de selectas escolhendo-se de preferencia trechos historicos, patrioticos ou militares.

Sentimos devéras que, havendo tão boa vontade por parte da officialidade e subalternos d'este regimento, se não dote a instrucção militar com uma sala onde ella seja ministrada. Mas não; e muito é já o permittir que se instruem soldados, pois que os governantes julgam que as casernas se fizeram para sustentarem poderes abusivos ou defender os luxos e os roubos. Apesar de tudo, apesar do descuido malevolo do Governo e do acanhado do espaço em Infantaria 23 fazem-se quasi prodigios e comprehende-se que a roubarem-se á agricultura e á familia braços vigorosos e rubros, é necessario dar-se uma compensação instruindo o pobre recruta, a quem o padre na sua aldeia bestialisa, a quem as leis aggravam e não protegem.

Nós poderiamos referir especialmente os officiaes que comprehendem o seu dever de homens instruidos e patrioticos, mas limitamos a apresentar como exemplo os dignos capitães Homem Christo, Freitas, Martins, Ferreira, etc.

Este ultimo não pode continuar com a sua tarefa por ter adoecido.

Referir-nos-hemos tambem ao alferes Motta, que tem sido incansavel e dedicado, procurando na medida das suas forças cultivar aquelles cerebros ha pouco vivendo em trévas e o alferes Belisario Pimenta, que tem concorrido para o exito da sua companhia.

Mas todos téem como auxiliares valiosos os sargentos Pedro, Santiago e Beja da Silva que completamente téem cooperado e obtido resultados admiraveis.

Na nossa rapida visita ao quartel de infantaria tivemos de vêr este ultimo no exercicio de suas funções e vimos na sua companhia exemplos de cuidado e habilidade. Em todas as companhias porém isto se dá e não temos senão que felicitar os habeis ensinadores de recrutas e o digno militar que aventou tão patriótica ideia, a quem já nos temos referido, o capitão Homem Christo.

No meio do descalabro de patriotismo e n'esta *débacle* do militarismo, folgamos em vêr que a par do ensino do manejo das armas se ensina a lêr, para melhor conhecimento dos deveres e dos direitos de cada um.

Bem hajam.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	840
» manteiga.....	560
» amarello.....	630
» misturado.....	540
» caraça.....	800
» frade.....	750
Milho branco.....	650
» amarello.....	630
Trigo gallego.....	1\$060
» tremez.....	920
Cevada.....	720
Centeio.....	680
Batatas, 15 kilos.....	480
Ovos, duzia 120, milheiro...	1\$200

QUESTÕES DE ENSINO

Na nossa secção—Publicações, referimos ha dias ter recebido um opusculo intitulado *A commissão dos livros para o ensino primario e a chorographia de Bettencourt, por um professor*, promettendo dizer sobre elle alguma coisa.

Trata-se de um novo protesto, contra uma das muitas exclusões, praticadas pela commissão encarregada de escolher os livros para o ensino primario. E se algumas d'essas exclusões foram justas, outras foram manifestamente injustas. N'este caso está a exclusão da *Chorographia de Bettencourt*, como o demonstra o professor, auctor do protesto a que nos estamos referindo.

Protesto e critica desenvolvida, primeiramente publicada em artigos no *Mundo*, impugnando com logica e verdade os fundamentos com que a commissão excluiu a chorographia referida.

Para desenvolvermos todas essas impugnações teriamos de transcrever para aqui o opusculo de que estamos tratando, o que não é possível.

Quem escreve estas linhas conhece ha muitos annos a *Chorographia de Bettencourt* e sempre a reputo um livro bom no seu genero. Por ella tem ensinado com notavel facilidade, e accentuada comprehensão, creanças e adultos.

Tem defeitos? Sem duvida. Mas qual é o livro—pergunta o auctor do opusculo e muito bem—que os não tem? Não os tem os livros approvados? Teem, e o auctor lá vae assignalando alguns.

O opusculo termina com estas sensatas considerações:

«Ataque-se pois o mal pela raiz, promovendo que haja bons professores e não se faça a injustiça de rejeitar livros para o ensino, com o pretexto futil e irrisorio, de que não servem nas mãos de professores incompetentes.

Supprimam-se commissões, como esta a que nos dirigimos, que é tão incompetente, como os *taes mestres de muitos dos seus membros*.

Supprima-se finalmente o regulamento que respeita ao assumpto, o qual com preceitos vagos, sujeitos a interpretações varias, e com a ardilosa permissão de reclamações para a propria entidade que julgou, entrega ao arbitrio de uma commissão, sem sciencia nem escrupulos, os direitos de terceiros, que são gravemente offendidos e as conveniencias do ensino que são da mesma forma menosprezados.

A critica que hoje concluimos e o nosso protesto, não o dirigimos ao Governo, porque nas regiões officiaes até o pudor escasseia; dirigimo-lo ás pessoas competentes e imparciaes para, com mais uma prova, avaliarem da corrupção dos nossos costumes, ainda quando se trata de dirigir a instrucção do povo.»

Tem razão.

A commissão rejeitou muitos livros que não prestavam. E' certo. Mas rejeitou outros tão bons ou melhores do que aquelles que, por *empenhocas e pressões de toda a ordem*, approvou.

Ora approvar livros por influencias politicas, por sympathias pessoas, por *pressões de qualquer ordem*, e regeitar outros, porque não tiveram ninguem nem coisa alguma a recommenda-los, é a peor das immoralidades.

Não pôde ser.

ALVOROÇO

Na rua do Alfena houve na tarde de quinta-feira um grande borborinho. Foi o caso que um alferes do 24, estando a tomar *gargarejos* com uma das nossas formosas tricanas da Beira-mar, foi insultado atrevidamente por um garotola qualquer que por alli passou e que lhe deu para embirrar com o novato alferes. Este, que não esteve para aturar as troças do rapazelho atirou-lhe com a bainha da espada ferindo-o bastante na face. Aos gritos do rapaz e de algumas pessoas

que presenciaram o caso, accorreu um numeroso povo que pretendem maltratar o alferes, o que felizmente algumas pessoas de bom senso poderam evitar, não deixando no entanto do official vir debaixo de prisão, acompanhado por grande numero de populares, até á esquadra, indo d'alli para o quartel.

Estas e outras cousas já se não extranham na cidade, attendendo ao desmasello a que a policia tem votado a garotada indigena que infesta as ruas. Não se repara por nada nem se cohibe cousa nenhuma. Insultam, apedrejam e maltrata qualquer cidadão e não apparece nunca uma policia a mettel-os na cadeia. Ainda n'esse mesmo dia, e á noite, quem escreve estas linhas interveio no largo Municipal para que uma sucia de garotos não partisse á pedrada a cabeça a algum transeunte ou alguns vidros dos predios proximos. E um d'elles era irmão do celebre Rebello que ajudou a dar cabo do pobre Lourenço, na travessa das Olarias.

Como estes dão-seahi muitos casos eguaes, senão peores, como aconteceu ainda ha pouco tempo a um distincto e considerado facultativo d'esta cidade.

Ao sr. commissario de policia recommendamos o assumpto.

CARTA DO PORTO

Após uma inverneira terrivel temos tido um tempo admiravel!

A Primavera entrou excellentemente; aos domingos já se vê parte da população ir até aos arrabaldes da cidade, que os temos lindissimos, por signal, absorver o ar puro e descançar as fadigas do constante labutar d'uma semana.

A semana santa decorreu menos animada que os mais annos; concorrência ás egrejas já não foi em tanta quantidade. Ainda bem.

Para se admirar o estado de saúde dos nossos soldados a guarnição apresentou-se com toda a força disponível.

A municipal foi muito elogiada pelas sopeiras.

Sahiu no sabbado o 1.º numero d'A *Caricatura* sob a direcção artistica do nosso amigo Christiano de Carvalho, o talentoso caricaturista, litterariamente pelo nosso tambem amigo e collega do Norte, Bartholomeu Severino, jornalista de valor.

A *Caricatura* vem prehencher uma lacuna, pois no Porto, onde os farçantes e parvos são muitos, precisavamos d'um jornal para os escallapellar; eis a que vem A *Caricatura*.

A Christiano Bartholomeu, sinceros parabens e que não trepidem no caminho encetado, eis os nossos desejos.

Já foi resolvido grandes festas ao 1.º de maio!

Procissão, quer dizer cortejo; *sermão*, quer dizer comicio; *pic nic*, até já sabem inglez! etc., etc.

Achavamos mais razoavel que transferissem a festa para o dia 15 de agosto, dia da Assumpção; talvez aproveitassem mais; a concorrência seria enorme.

6-4-904. A. M.

A AMBIÇÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem remetter adeantamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Accetam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

PUBLICAÇÕES

Liga Naval Portugueza.—Recebemos o *Boletim Official*, publicado pelo conselho geral, relativo ao mez de janeiro.

Traz excellentes artigos e informações sobre a marinha de guerra, marinha mercante, pescarias, construcções navaes, marinha de recreio, etc. Um bom artigo sobre Pedro Nunes, e uma transcripção da Vida de João de Castro, por Jacintho Freire do Andrade.

Semana Illustrada.—Recebemos o n.º 18. Magnifico na parte litteraria e na parte artistica, como sempre. Na parte illustrada: commendador Antonio dos Santos, D. Graziella Gomes Paes, A arte, Touradas, Club Simões Carneiro e Modas. Em muzica: uma polka, por José Pedro dos Reis.

Casa do Povo Portuense.—Recebemos o relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal d'aquella sociedade cooperativa. Agradecemos.

Notas alegres

— E' verdade ser surda a tua noiva?
— Como uma porta! Quando lhe fiz a minha declaração de amor, tive de gritar tanto, que os vizinhos acudiram a felicitar-me.

— Meu senhor, uma esmola para minha mãe, que está doente.
— Já te tenho dado por vezes esmola para tua mãe. Ella tem sempre a mesma doença?
— Não, senhor; d'esta vez é um menino.

O juiz:
— Do processo consta que o reu deu quatorze punhaladas na victima.
O reu:
— E' exacto, sr. juiz: eu tinha dado apenas treze, mas como dizem que esse numero traz desgraça, descarreguei mais uma.

Um pobre diabo pára defronte da vitrine de uma casa de artigos de viagem.
— Quer comprar uma mala? pergunta-lhe o dono do estabelecimento.
— Para que?
— Para guardar a sua roupa.
— E eu então hei-de passear n'ú!

Na Havanaza:
— Venho encantado do Rio de Janeiro!
— Porque?
— Porque é uma terra de muitas côres. Lá os creados são pretos, os vomitos são negros e a febre é amarella.

ATENÇÃO

VENDEM-SE PULVERISADORES

Systema Vermorel..	8000
Gallott.....	9000
Gobet.....	9000
Topilhos, systema Vermorel.....	4500

no deposito da importante casa bacarense Antonio Correia Braga. Em Aveiro, Antonio Ferreira Felix, Filhos (Successores) aonde acaba de chegar uma grande remessa d'este artigo.

Todas as machinas se vendem garantidas por cinco annos.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fór applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas e «marés» de junco.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA

DE
Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor, de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECEMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

- DE -

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapas, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame; fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaides, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 88:000, tripa larga 240 réis cada massa, tripa estreita 260 réis cada massa, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECCAO GERAL D'INSTRUCCAO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na
CASA EDITORA
LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro.—242-1.º
LISBOA

"Os ultimos escandalos de Paris,"

Grande romance de Dubut de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris e Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificação dos factos relatados e pelas injustiças que esses mesmos factos frequentemente annuncia. *Brinde a todos os assignantes:* Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas cores e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um premio da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis. Assigna-se em todas as terras do paiz onde temos agentes, e na «Editora» —Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa. Perito ante os tribunales Commercial e Civil. Publicista

E' soberamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A. EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Charáron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráa ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a raluha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
Pedidos a

Jose Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, em 35 cartões, preço, 6000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECCOES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indistincta que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20. 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOAO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedais se responsabilisam os annunciantes.

Equalmente garantem a todos a modicidade de preços.

Ver para crer

A NOVA PHASE

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 138, rua da Prata, 190—LISBOA.

Preço 200